

TEORIAS DO SENSO COMUM SOBRE O TRABALHO DO ADOLESCENTE EM SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO - BRASIL ¹

Denize Cristina de Oliveira ^{*}
Frida Marina Fischer ^{**}
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira ^{***}
Antonio Marcos Tosoli Gomes ^{****}

RESUMO

Este estudo objetivou a análise das representações sociais do trabalho entre adolescentes de duas capitais brasileiras. A amostra foi composta por 208 adolescentes de São Paulo e 180 do Rio de Janeiro, na faixa etária de 14 a 22 anos, trabalhadores e não trabalhadores, estudantes do ensino médio público. A coleta de dados consistiu em 40 grupos focais, direcionados pelos temas escola, cotidiano, trabalho na adolescência e futuro. O tratamento dos dados foi realizado com o software Alceste 4.7, e os resultados analisados dentro das dimensões que configuram uma representação social: atitudes, imagens e informação. Os resultados da análise Alceste foram organizados em um dendograma, e distribuídos em dois blocos textuais denominados: "O Universo das Relações Interpessoais e Afetivas na Adolescência e o Cotidiano" e "O Universo do Trabalho e da Escola e o Espaço de Transição entre o Ser Criança e o Ser Adulto". O primeiro desdobrou-se em duas categorias: "Sobre Amigos e Colegas: formas e expressões dos relacionamentos interpessoais e afetivos na adolescência" e "O Cotidiano do Adolescente". O segundo bloco textual originou quatro categorias: "O Universo da Escola e suas Interrelações", "Falando de Futuro: os adolescentes entre planos e sonhos", "A Família e sua Projeção de Futuro" e "O Mundo do Trabalho". Observou-se uma contradição entre a representação do trabalho como valor moral e positivo para o desenvolvimento psicossocial dos jovens e os problemas de ensino-aprendizagem que decorrem das dificuldades da estruturação do ensino público, e também da sobrecarga física e psicológica imposta ao adolescente trabalhador nas duas capitais analisadas.

Palavras-chave: Trabalho precoce. Adolescência. Representações sociais. Alceste.

INTRODUÇÃO

Em metrópoles brasileiras existe atualmente um grande número de adolescentes que alternam as jornadas de trabalho diurno e estudo noturno, enfrentando dificuldades para conciliar essas atividades. Essa é uma prática comum na adolescência, à qual sentidos diversos são associados, portanto representações

sociais são construídas e transformadas (OLIVEIRA et al., 2001; PINHEIRO, 1999).

Considera-se, neste trabalho, que as representações sociais são forjadas no curso das comunicações interpessoais, conforme proposto por Moscovici (1961), particularmente nas comunicações cotidianas de adolescentes, a partir das quais esses sujeitos elaboram teorias de senso comum sobre os fenômenos da realidade vivenciada,

¹ Pesquisas financiadas pela FAPESP processo 2000/11431-2; FAPERJ processo 170163/2003; CNPq processo 471821/2004-7; Bolsas PIBIC UERJ e CNPq; Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq.

^{*} Enfermeira, Doutora em Saúde Pública, Professora Titular do Departamento de Fundamentos de Enfermagem e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq.

^{**} Bioquímica, Doutora em Saúde Pública, Professora Titular da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do CNPq.

^{***} Psicóloga, Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Mackenzie.

^{****} Enfermeiro, Doutor em Enfermagem, Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

que, no caso deste estudo, refere-se ao trabalho na adolescência. As representações sociais são definidas por Jodelet (2001) como formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, sendo manifestamente ligadas à ação dos grupos sociais, podendo tanto determinar práticas quanto sofrer a influência dos comportamentos cotidianos.

Essa relação de co-determinação estabelecida entre práticas e representações é particularmente importante para as análises desenvolvidas neste estudo, uma vez que a hipótese de trabalho adotada é a de que as vivências possibilitadas pelo trabalho durante a adolescência estão transformando as representações dos jovens sobre o trabalho e a escola, especialmente nos grandes centros urbanos brasileiros (OLIVEIRA et al., 2001; OLIVEIRA et al., 2003a,b). Neste sentido, os objetivos deste estudo foram orientados para a análise das representações sociais sobre a escola e o trabalho, entre adolescentes trabalhadores e não trabalhadores, estudantes do ensino médio das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro - Brasil.

METODOLOGIA

A seleção da amostra seguiu critérios intencionais e foi composta, na cidade de São Paulo, por 208 adolescentes, e na cidade do Rio de Janeiro, por 180 jovens. O grupo estudado caracteriza-se por: faixa etária de 14 a 22 anos, sexos masculino e feminino, jovens trabalhadores e não trabalhadores, cursando o ensino médio nos períodos diurno e noturno em três escolas públicas localizadas nas duas capitais.

A técnica de coleta de dados consistiu na realização de 20 grupos focais em cada cidade, totalizando 40 grupos, orientados para a discussão dos temas escola, cotidiano, trabalho na adolescência e futuro.

Para o tratamento dos dados das produções discursivas foi utilizado o programa Alceste, versão 4.7, que realiza análise lexical de textos, através de técnicas de estatística textual (REINERT, 1990).

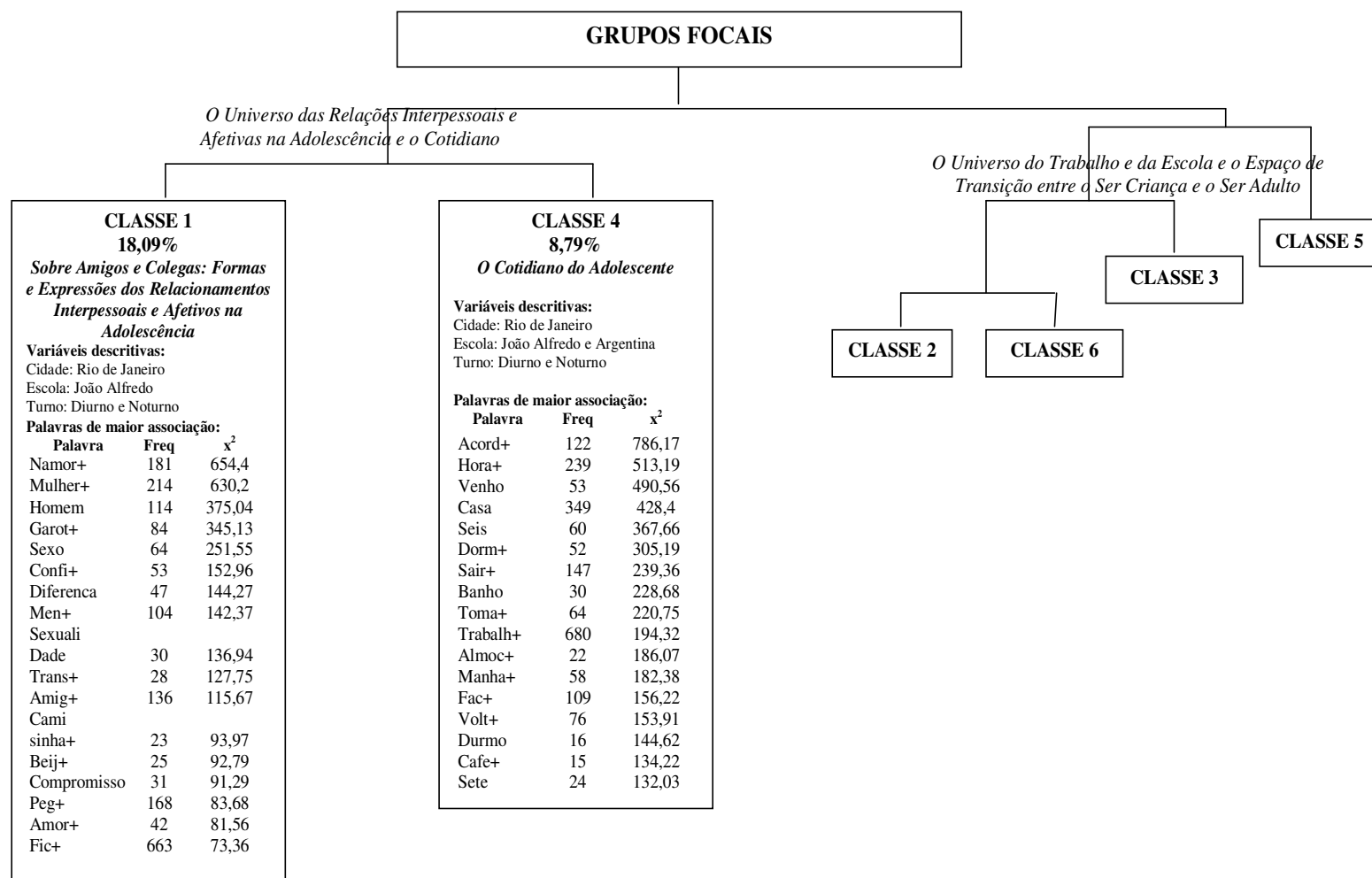
Todos os aspectos éticos oriundos da Resolução 196/1996 foram considerados na consecução desta pesquisa.

RESULTADOS

O Alceste identificou na análise 40 Unidades de Contexto Inicial (UCI), sendo estas compatíveis com o número de grupos focais analisados. O *corpus* foi dividido em 4.602 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) e dessas, 3.776 foram classificadas para análise, representando 82,05%. As UCEs foram agrupadas em seis classes temáticas ou categorias discursivas, cuja configuração quantitativa e qualitativa pode ser observada nas Figuras 1 e 2.

O *software* dividiu as UCEs em dois grandes blocos de conteúdo textual denominados: “O Universo das Relações Interpessoais e Afetivas na Adolescência e o Cotidiano” e “O Universo do Trabalho e da Escola e o Espaço de Transição entre o Ser Criança e o Ser Adulto”. O primeiro bloco desdobrou-se em duas classes discursivas - classes 1 e 4 (Figura 1). O segundo sofreu duas divisões mais, dando origem a quatro classes, respectivamente a 2, 6, 3 e 5 (Figura 2).

A compreensão da origem das classes e das relações entre elas permite nomear os subconjuntos de UCEs, agrupados em classes, considerando os seus conteúdos característicos, constituídos pelas formas reduzidas (palavras) e pelas UCEs típicas de cada classe. A nomeação das classes permite visualizar o universo semântico e lexical das mesmas, assim como os conteúdos específicos de cada uma delas (REINERT, 1990).

Figura 1: Classificação Hierárquica Descendente resultante da análise dos grupos focais realizados com adolescentes - Classes 1 e 4. Rio de Janeiro e São Paulo, 2003 e 2004.

CLASSE 4: O cotidiano do adolescente

Essa classe retrata o cotidiano dos adolescentes em suas diversas dimensões: a do trabalho, a da família, a das atividades de lazer e também da escola. A diferença marcante entre o cotidiano dos adolescentes que trabalham e os que não trabalham, observada nesta classe, é demonstrada pelo fato de o trabalhador ter horários rígidos e o seu tempo monopolizado pela escola e pelo trabalho. Ele sai de casa por volta das 6 a 7 horas da manhã e retorna entre as 22h30min e 23h30min, sendo impossibilitado de realizar outras atividades que não aquelas presenciais da escola e do emprego.

Essa rotina pode incluir sábados, domingos e feriados, levando a um afastamento do convívio familiar. Os jovens que não trabalham possuem horas livres para estudo extraclasse, descanso, atividades recreativas e desportivas e realização de cursos diversos, sendo freqüente a referência as horas dedicadas ao sono. Essa situação se aplica também àqueles que desenvolvem atividades rotineiras em casa, como cuidar de irmãos mais novos, parentes adoentados ou que realizam a arrumação das residências.

Percebem-se, nesta classe, as particularidades do cotidiano dos adolescentes que trabalham, ressaltando-se os possíveis fatores de danos à saúde física e mental aos quais o jovem trabalhador está exposto, privado de atividades de lazer, de descanso ao longo do dia, de alimentação adequada, e à submissão a uma rotina quase subumana. (CARVALHO, 1981; FISCHER et al., 2003a,b). Além disso, esses adolescentes possuem menos oportunidades de desenvolvimento escolar, pois usam toda a sua energia num cotidiano de aproximadamente 16 horas de trabalho entre escola e emprego (BRASIL, 1999; OLIVEIRA et al., 2003a,b).

Algumas UCEs podem exemplificar os conteúdos desta classe:

A minha rotina é: eu acordo às cinco horas da manhã para trabalhar seis horas. Trabalho de seis horas às quatro horas, tenho uma hora para estudar um pouquinho. Às vezes não dá tempo porque tem que chegar um pouquinho antes para não chegar

atrasada no colégio, ou seja, nem estudo (São Paulo).

Vejo a minha mãe sábado e domingo, porque de segunda a sexta ela chega muito tarde e eu já estou dormindo. quando ela sai, eu estou dormindo também (Rio de Janeiro).

Eu acordo às onze horas, tomo banho e venho para a escola. Quando saio da escola vou para a igreja e durmo cinco e meia. Minha rotina é acordar onze horas, jogar futebol. Chego em casa sete e meia e cuido do meu irmão à noite (São Paulo).

CLASSE 1: Sobre amigos e colegas: formas e expressões dos relacionamentos interpessoais e afetivos na adolescência

Esta classe trata dos relacionamentos interpessoais desdobrados em amizade, coleguismo e relações afetivo-sexuais, revelando que a vida gregária é uma característica básica do grupo de adolescentes, assim como o afastamento da família para o estabelecimento de laços e relacionamentos extrafamiliares, na busca de individuação. (ABERASTURY, 1991; SANTROCK, 2003; SHANAHAN et al., 1996).

O amigo é identificado pela proximidade, sinceridade e confiança presentes na relação, assim como pela disponibilidade para apoiar o outro nos momentos difíceis; o colega não está tão próximo quanto o amigo e a relação se estabelece mais rapidamente e com maior facilidade do que a amizade. As relações interpessoais construídas pelos adolescentes são importantes para o seu desenvolvimento psicossocial, ao mesmo tempo em que permitem que o adolescente tenha contato com novas idéias, novas visões de mundo, e que delimite suas ações tendo por referência outro igual (ABERASTURY, 1991; SANTROCK, 2003).

Amigo é diferente de colega... colega é aqui, ver de vez em quando... falar quando dá... mas ele não sabe da sua vida e nem segura a sua barra... amigo é aquele que te aceita, te ama e conhece a sua vida (Rio de Janeiro).

Esta classe aponta, ainda, para três modalidades específicas de relacionamentos

afetivos, identificadas pelos jovens participantes dos grupos focais, quais sejam, o pegar, o ficar e o namorar. Observa-se a atribuição de responsabilidades diferenciadas entre os sexos nas práticas sexuais e o destaque da figura feminina na discussão do tema relações afetivas e sexuais. As formas de relacionamento afetivo são classificadas pelos jovens em um *continuum*, que vai da liberdade absoluta à responsabilidade formalizada, ambas se referindo ao parceiro envolvido.

Os adolescentes se referem ao “pegar” como um ato espontâneo, não repetível, sem compromisso e no qual o interesse físico predomina, quer pela beleza quer pela sensualidade. Contudo, os sujeitos não são unânimes ao relatar o que acontece dentro do “pegar”, podendo incluir desde beijo, contato físico até o ato sexual. O “ficar”, por sua vez, comporta liberdade e responsabilidade relativas e é descrito como uma forma de relacionamento na qual os atores sociais possuem conhecimento anterior do parceiro, certa intimidade e proximidade maiores do que no “pegar”, podendo inclusive se desenvolver para o namoro. O “namoro” é definido pelos jovens como decorrente de um ato contínuo e repetitivo do “ficar”, o qual, com a concordância e o desejo dos jovens envolvidos, ganha contornos de maior compromisso e de oficialidade frente à família e ao grupo social.

Um segundo conteúdo importante desta classe refere-se à prática sexual, mas também à sexualidade como expressão humana. Na

representação dos adolescentes, o sexo é algo claramente especificado, expressando-se quase como uma imagem, qual seja, a de ato em si, o fazer e o realizar o intercurso sexual. O conceito de sexualidade tem apreensão difusa e por vezes equivocada por parte dos adolescentes, apesar de se referirem ao tema como um fenômeno mais abrangente do que o ato sexual, envolvendo a forma de se vestir, a moda, a sensualidade e até à concretização de relacionamentos, inclusive aqueles em que o ato sexual está presente. Observam-se noções fortemente influenciadas pelas imagens associadas à sensualidade presentes nos meios de comunicação de massa.

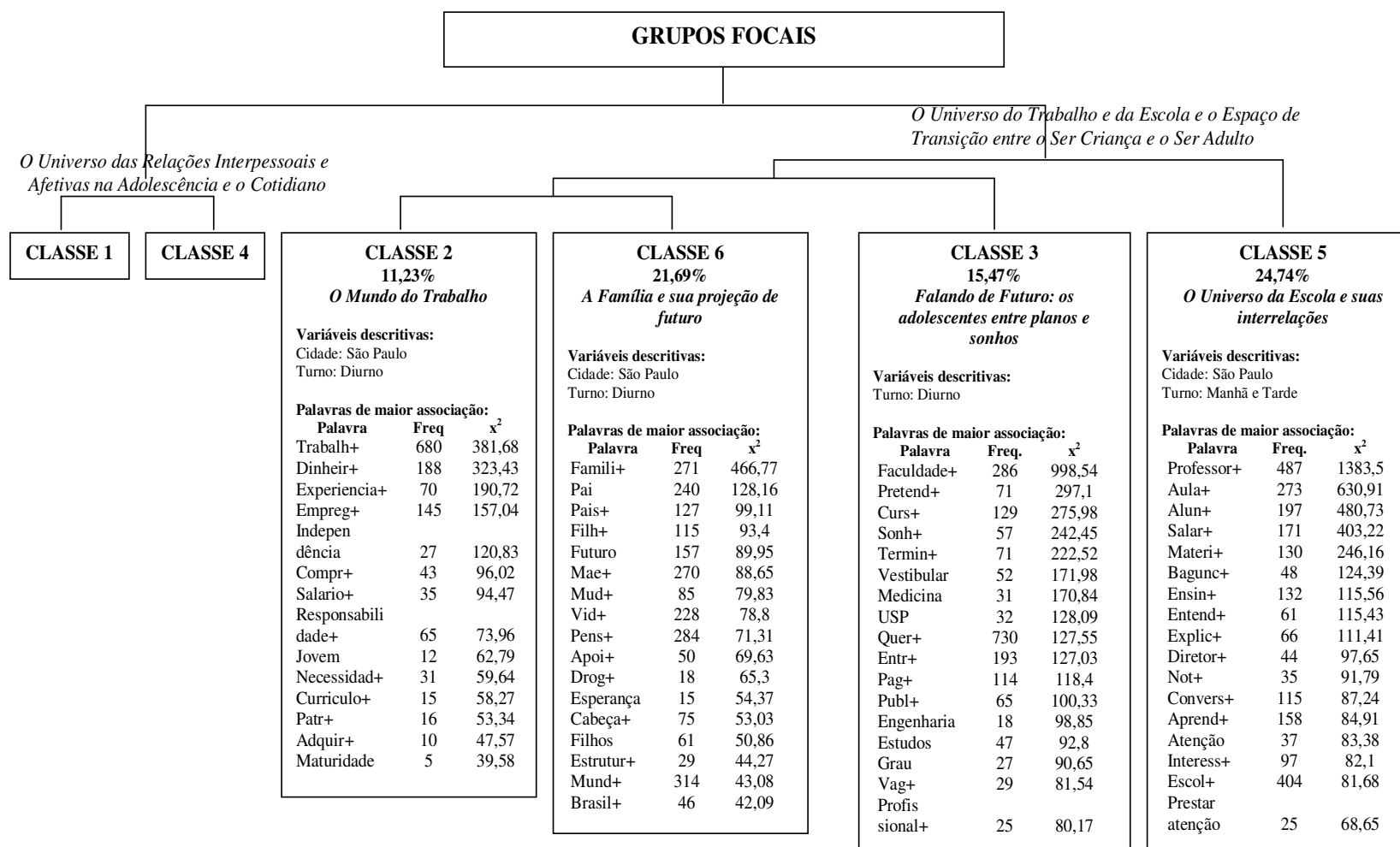
Alguns conteúdos destacados podem ser observados na UCE abaixo:

Tem diferença sim. Namorar tem compromisso. Depende da menina no caso de acontecer sexo ou não. Mas quando tem muito tempo de namoro, geralmente tem sexo, porque são duas pessoas que se amam e muitos garotos não tem paciência de ficar esperando (São Paulo).

Ficar tipo, você fica hoje e não sabe quando mais. No ficar tem mais ou menos um compromisso maior que no “pegar” (Rio de Janeiro).

Sair é sem compromisso, é “pegar”. Conhece uma garota, rola uns beijos e acaba ali. Pegar é uma vez só e você nunca mais sabe (Rio de Janeiro).

Figura 2: Classificação Hierárquica Descendente resultante da análise dos grupos focais realizados com adolescentes - Classes 2, 3, 5 e 6. Rio de Janeiro e São Paulo, 2003 e 2004.



CLASSE 5: O universo da escola e suas inter-relações

Esta classe se constitui do universo escolar e das relações desenvolvidas nesse campo social, particularmente a relação professor-aluno. Quanto ao processo ensino-aprendizagem vivenciado, os sujeitos descreveram-no como impessoal e descomprometido por parte dos professores, o que dificulta especialmente a vida dos alunos trabalhadores.

Com relação à questão da estrutura escolar, os adolescentes referem substituição de disciplinas por outras que não são, segundo eles, importantes ou instrumentais à continuidade do estudo ou à entrada no mercado de trabalho. De modo geral, essas disciplinas se localizaram no âmbito filosófico e religioso.

Outro aspecto da estrutura da escola destacada pelos sujeitos é a memória explicitada, própria ou recebida de outros, de que a escola, antigamente, era melhor do que é hoje, ou seja, de que houve uma deterioração na oferta e na prestação desse serviço público.

No que se refere ao contexto sociopolítico da educação, a consequência mais direta mencionada pelos adolescentes é a greve dos professores e a sua influência no calendário escolar e no conteúdo repassado. Além da greve, as freqüentes licenças tiradas pelos professores foi outra situação referida como problema ou dificuldade da escola. Quanto à valorização da escola, os sujeitos referiram que, ao experimentarem as dificuldades do mercado de trabalho, especialmente a baixa valorização do trabalho manual e as posições profissionais que a escolaridade pode trazer, redimensionam o papel e a importância da escola para a construção do futuro (OLIVEIRA, 2000).

Os problemas e as dificuldades da instituição escolar são destacados em três aspectos: a estrutura escolar, especialmente em seus aspectos curriculares; o contexto sociopolítico da educação, centrado na ocorrência de greve dos professores intervindo no desenvolvimento do ano letivo; e o processo ensino-aprendizagem, no que concerne à pedagogia de ensino e aos tipos de informações presentes no contexto escolar

(MINAYO-GOMEZ; MEIRELLES, 1997; PINHEIRO, 1999).

Alguns conteúdos destacados podem ser observados na UCE abaixo:

[...] desinteresse dos alunos e, vamos dizer assim, desânimo dos professores. porque os alunos, no caso, os alunos é que deveriam exigir mais dos professores: professor, não entendi aquilo, dá para o senhor explicar de novo? Mas os alunos já bagunçam e o professor perde totalmente o interesse em dar aula (São Paulo).

E não: sai da sala, só porque ele esta conversando. Não tem como fazer alguma aula mais legal? E explicar, ter amor àquilo que faz. E que os professores têm que mostrar o que sabem. Se tiver que dar uma aula, então vamos dar, tentar sempre trazer o aluno para perto, para a escola, e não encher a lousa de coisa e: cala a boca, sai da sala, acho que assim ninguém (Rio de Janeiro).

Atrapalha a aula. Você fica mais tempo. Tem que ouvir do patrão, depois pega o ônibus cheio. Ainda depois tem que pensar em escola? E tem uma pá de pessoas que estão querendo se concentrar na matéria e as pessoas não deixam (Rio de Janeiro).

CLASSE 3: Falando de futuro: os adolescentes entre planos e sonhos

Esta classe traz os planos e os sonhos dos sujeitos com relação ao futuro, bem como as dificuldades e barreiras que esperam encontrar. Os sonhos se consubstanciam no imaginário de sucesso, de fama e de popularidade, à semelhança de artistas e desportistas. Ao mesmo tempo, os planos se expressam em opções concretas e factíveis na realidade de vida dos jovens, caso os sonhos se apresentem irrealizáveis.

Os planos de futuro referidos são direcionados em três sentidos: carreira profissional, entrada na universidade e construção e/ou consolidação de uma família. Com relação aos planos para a vida

profissional são destacadas diversas carreiras, que não possuem necessariamente relação com a realização de um curso superior; por outro lado, os sonhos de futuro aparecem relacionados a profissões e carreiras ligadas à evidência pública e à fama, como atriz e lutador de boxe.

Dentre os sonhos de futuro citados, aquele que teve maior destaque foi o de realizar um curso superior em uma universidade pública, sendo nomeadas as mais diversas áreas de conhecimento, ao mesmo tempo em que demonstram desconhecimento das implicações e das relações do mundo acadêmico com as carreiras escolhidas. O curso superior se mantém como plano de futuro para outros jovens, no entanto admitindo-se o ingresso em uma universidade privada. São reconhecidas as dificuldades para a realização do sonho e do plano universitário, destacadamente a má qualidade do ensino médio na escola pública e a situação socioeconômica que não permite que os adolescentes somente estudem, colocando-se o trabalho como necessidade imperiosa para a continuidade dos estudos (OLIVEIRA et al., 2001).

Os adolescentes referem, ainda, o plano de constituição de uma família, através de um relacionamento estável e do cuidado com os futuros filhos. Para a realização desse plano os jovens identificam a necessidade de prover uma situação econômica que assegure o desenvolvimento saudável dos filhos (OLIVEIRA et al., 2003a,b).

Alguns conteúdos destacados podem ser observados na UCE abaixo:

Agora, para chegar a uma faculdade pública mesmo, acho que está sendo um sonho, principalmente para as pessoas que trabalham e estudam para o vestibular. Eu, por exemplo, não quero fazer vestibular, não quero estudar em faculdade pública porque eu sei que não tenho futuro bastante para ficar ali o tempo inteiro estudando, me matando para conseguir uma vaga em uma universidade pública (Rio de Janeiro).

E eu acho que com a faculdade eu vou ter mais oportunidades no mercado, dar aula. No ano que vem eu vou fazer cursinho, um bom

cursinho para tentar entrar na faculdade pública. Se eu não conseguir, eu acho que vou tentar em alguma faculdade particular, mas no meu futuro eu vou estudar bastante (São Paulo).

CLASSE 6: A família e sua projeção no futuro

Nesta classe discursiva o tema família foi ancorado em elementos que a definem como a base da vida, e em aspectos relacionados com o cotidiano da vida familiar dos adolescentes. Neste caso, as imagens da família versaram sobre os múltiplos problemas enfrentados no cenário familiar. O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece, no capítulo II, artigo 16, que toda criança e adolescente possui o direito de participar da vida comunitária e familiar sem discriminação (BRASIL, 2002). No entanto, a vida em família deve primariamente garantir aos adolescentes condições psicossociais que os preparem para a vida adulta (VIGOTSKY, 1996).

A família como um valor importante na vida do adolescente é afirmado por muitos autores. Oliveira et al. (2001) afirmam que a família, juntamente com a escola e o trabalho, conformam uma base tríplice que forja a mentalidade do adolescente. A família é ambiente onde se transmitem as primeiras regras e valores associados ao convívio social, fazendo com que a criança, o adolescente e o jovem possuam base para um desenvolvimento psicoemocional adequado na vida adulta.

Destacando a importância da família, Oliveira, Medeiros e Munari (2004) observaram que a ausência de referências e a vivência de diversos conflitos no campo familiar enfrentados por crianças e adolescentes que vivem na rua provocam sentimento de culpa, que os impede de voltar ao lar, perpetuando a sua situação de exclusão.

Podemos observar também nesta classe o que Jodelet (2001) chama de operação imaginante ou estruturante. Esse processo é denominado de objetivação, e um dos seus resultados é a criação de núcleos figurativos. Esses núcleos são constituídos por aquelas palavras abstratas que são integradas materialmente em imagens simbólicas. O núcleo figurativo presente é o de família como

a “veia da pessoa”, simbolizando um aspecto estrutural e físico do corpo sem o qual a vida seria impossível. Parafraseando, sem a família, a vida poderia se tornar muito difícil.

A ancoragem do tema família em aspectos do cotidiano da vida dos adolescentes foi organizada em duas dimensões principais, a saber, a dimensão de imagem e a dimensão de atitude. Esta última dimensão apresentou vários conteúdos que mostram a relação entre a representação social construída de família e as práticas sociais dentro da própria família (nível microssocial) ou fora da família (nível macrossocial).

Os conteúdos da representação social não mostram uma família apática ou passiva, que não se preocupa com os adolescentes, mas uma família real, com necessidades socioeconômicas e problemas de relacionamento entre os seus membros. Alguns conteúdos apontam para aqueles comportamentos que os pais devem manifestar para poder garantir o bom desenvolvimento futuro dos filhos. Esses conteúdos indicam que, para os adolescentes, os pais devem agir como agências controladoras do seu comportamento, aspecto que já foi apontado por diversos autores (SKINNER, 2000).

Alguns conteúdos destacados podem ser observados nas UCEs abaixo:

Família é importante. Para mim, família é tudo. Família é o mais importante dos temas propostos. Família acho que está tudo incluído, mas família vem em primeiro. Família vem primeiro (São Paulo).

É a base de tudo. Eu acho que a família é totalmente importante na sua vida. Você depende dela. Um dia você vai saber o que o teu pai e sua mãe deram por você (Rio de Janeiro).

CLASSE 2: O mundo do trabalho

As temáticas centrais presentes nesta classe destacam as expectativas geradas, os problemas e as dificuldades colocados pelo trabalho na adolescência, bem como a relação entre o mundo do trabalho e o universo social. Esta classe apresenta o universo vivenciado pelo adolescente, centrado no trabalho, bem

como a inter-relação estabelecida entre esse *lôcus* e os demais participantes do cotidiano do adolescente.

Essa classe apresenta um conteúdo que perpassa a realidade do trabalho dos adolescentes, a sua vivência na escola e a inter-relação entre essas duas realidades, o que lhe confere uma complexidade maior do que às demais classes. Esse quadro é decorrente da consideração de que essas duas instâncias (escola e trabalho) possuem, cada uma, sua própria complexidade e importância no cotidiano e na vida dos adolescentes, sendo que o estabelecimento de uma relação entre os dois gera um quadro mais complexo e multifacetado.

Outro aspecto presente nesta classe é a função de reforço da auto-estima cumprida pelo trabalho, quando em situação não competitiva com a escola. Essa necessidade de manutenção e de fortalecimento da auto-estima é citada por Oliveira, Medeiros e Munari (2004), ao afirmarem que a convivência com a criança e o adolescente em situação de rua nos faz constatar que o cultivo da auto-estima positiva impulsiona o indivíduo a percorrer o caminho da auto-realização.

A precariedade da situação de trabalho do adolescente é tratada nesta classe a partir do destaque da posição de desvantagem ocupada pelos jovens em relação ao mercado de trabalho e às relações hierárquicas descritas pelos sujeitos, através da vulnerabilidade do adolescente à informalidade do trabalho nesta faixa etária. A vulnerabilidade referida é associada à não-terminalidade do processo de desenvolvimento do jovem trabalhador e à fragilidade social expressa pela necessidade do salário, o que impede a negociação e impõe a sujeição.

A informalidade, por sua vez, expressa-se na não-garantia de direitos inerentes ao trabalho. Em algumas situações são feridos direitos básicos, como a não-assinatura da carteira de trabalho e a conseqüente perda dos demais direitos assegurados pela legislação brasileira (BRASIL, 2002). Os jovens referem, ainda, que quando a carteira é assinada, outros direitos são infringidos, como a não-redução do horário de trabalho em função da faixa etária e do estudo e também a remuneração

pertinente. Os adolescentes demonstraram conhecer alguns dos principais direitos trabalhistas, apesar de nem sempre terem garantido o seu acesso a eles (FISCHER et al., 2003a,b).

Observa-se o reconhecimento, por parte dos jovens estudados, de uma relação complexa e prejudicial entre o trabalho e a escola, resultando que a rotina pesada de trabalho interfere no desenvolvimento sociocognitivo dos adolescentes. Além disso, sofrem com a informalidade a que são submetidos no mercado de trabalho, fato que desrespeita o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002) e as leis trabalhistas brasileiras.

Quando eu comecei a trabalhar, porque eu comecei a dar mais valor aos meus estudos quando eu comecei a ralar mesmo, trabalhar e a ver que realmente eu preciso estudar para obter algo melhor, um emprego melhor (São Paulo).

Porque a gente não tem vale-transporte, décimo terceiro e nem carteira assinada... especialmente nós homens perto da época de ir para o quartel... (Rio de Janeiro).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram categorias discursivas que refletem conteúdos de representações sociais de diferentes objetos construídas pelos jovens, ou também denominadas teorias do senso comum. Destaca-se que jovens trabalhadores e não trabalhadores mostraram conteúdos representacionais semelhantes. No entanto, a constatação das dificuldades e dos prejuízos impostos pela dupla jornada trabalho-estudo é mais bem identificada e nomeada pelos jovens trabalhadores. Por outro lado, a crítica à escola pública está mais presente entre os alunos não trabalhadores e estudantes do turno diurno.

Em relação às dimensões da representação, no que se refere à atitude assumida diante do trabalho, observou-se uma contradição entre o seu reconhecimento como valor moral e positivo para o desenvolvimento psicossocial e para a constituição da identidade dos jovens, e

o reconhecimento dos prejuízos trazidos para a socialização dos adolescentes, o convívio familiar e a saúde física. Ao mesmo tempo, também foram explicitados os problemas de ensino-aprendizagem que decorrem das dificuldades da estruturação do ensino público e também da sobrecarga física e psicológica imposta ao adolescente trabalhador.

No que se refere à dimensão imagética, observa-se que o trabalho na adolescência é identificado com liberdade econômica, acesso ao mercado de consumo e possibilidade de constituição de uma família estável no futuro; enquanto a dupla jornada trabalho-estudo é associada ao cansaço físico e psicológico, mas também à disposição e força de vontade pessoais para enfrentá-la. A dimensão da informação revela algum acesso ao conhecimento sobre os direitos trabalhistas, um conhecimento precário sobre os riscos à saúde aos quais os jovens estão expostos, associados ao processo de trabalho e ao ambiente de trabalho, assim como os prejuízos à saúde colocados pelo trabalho em situações insalubres ou penosas.

No que se refere às diferenças observadas entre as duas capitais analisadas, os jovens do Rio de Janeiro tendem a se preocupar mais com questões relativas aos relacionamentos interpessoais e às dificuldades impostas pelo cotidiano, enquanto os jovens paulistas tendem a dar maior destaque às questões ligadas à escola e à valorização da família. Considerando-se que a temática do trabalho, apesar de se constituir em uma classe lexical, perpassou o conjunto das classes, esse foi um tema que sensibilizou igualmente o conjunto de jovens participantes do estudo.

Destacando-se a temática do trabalho na adolescência, observa-se a influência deste fenômeno sobre as condições de vida, saúde e escolarização dos adolescentes estudados, podendo chegar, inclusive, a comprometer o futuro de alguns deles, no que concerne, dentre outros exemplos, à realização de um curso superior, a ter acesso a um emprego com maior *status* social e melhor retorno financeiro, e ao comprometimento da saúde física e do desenvolvimento psicossocial, muitas vezes resultante de condições de trabalho inadequadas. Conforme o observado nos resultados deste estudo, esses comprometimentos não são

claramente identificados pelos jovens, que tendem a projetar mais imagens positivas do que negativas associadas ao trabalho nesse momento de vida.

Nesse sentido, cabe aos profissionais de saúde, e também aos enfermeiros, o conhecimento do problema e também o desenvolvimento de ações assistenciais e políticas que contribuam para a maior informação dos jovens sobre a relação trabalho-saúde, para a proteção dos

jovens trabalhadores através do cumprimento da legislação em vigor, e para o controle da saúde dos adolescentes nos locais onde os jovens circulam, quais sejam, a escola e os locais de trabalho.

Essas e outras medidas são fundamentais para a elevação da qualidade de vida desses sujeitos sociais e para a construção de uma sociedade mais justa propiciadora de maiores oportunidades de futuro aos adolescentes.

THEORIES OF COMMON SENSE REGARDING TEENAGE LABOR IN SÃO PAULO AND RIO DE JANEIRO, BRAZIL

ABSTRACT

This research aimed at the analysis of social representations of work by working and non-working teenagers in two Brazilian state capitals. The sample was composed of 208 teenagers from São Paulo and 180 from Rio de Janeiro, aged between 14 and 22, working and non-working, students at public schools. Data collection consisted of 40 focus groups, directed by the themes of school, daily life, work during adolescence and the future. Alceste 4.7 software was used to sort the data, and the results were analyzed within the dimensions of social representation: attitudes, images and information. The results were compiled into a dendrogram and distributed in two blocks called: "The Universe of Interpersonal and Affective Relationships in Adolescence and Daily Life" and "The Universe of Work and School and the Transition Space between the Child and the Adult Being". The first one was divided into two categories: "About Friends and Colleagues: forms and expressions of interpersonal and affective relationships in adolescence" and "The Teenager's Daily Life". The second block originated four categories: "The Universe of the School and its Interrelations", "Speaking about Future: adolescents between plans and dreams", "The Family and its Projections for the Future" and "The World of the Work". A contradiction was observed between the representation of work as a moral and positive value to the youth's psychosocial development and the educational challenges resulting from the challenges in the structuring of public education, and also the physical and psychological burden imposed on the working teenager in both cities.

Key words: Precocious labor. Adolescence. Social representations. Alceste.

TEORÍAS DEL SENSO COMÚN SOBRE EL TRABAJO DEL ADOLESCENTE EN SÃO PAULO Y RIO DE JANEIRO - BRASIL

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo el análisis de las representaciones sociales del trabajo entre adolescentes de dos capitales brasileñas. La muestra estuvo compuesta por 208 adolescentes de São Paulo y 180 de Rio de Janeiro, en la franja de edad de 14 a 22 años, trabajadores y no trabajadores, estudiantes de la enseñanza media pública. La recogida de datos consistió en 40 grupos focales, orientados para los temas: escuela, cotidiano, trabajo en la adolescencia y futuro. El tratamiento de los datos fue cumplido con el software Alceste 4.7, y los resultados fueron analizados dentro de las dimensiones que configuran una representación social: actitudes, imágenes e información. Los resultados del análisis Alceste fueron distribuidos en dos bloques textuales: "El Universo de las Relaciones Interpersonales y Afectivas en la Adolescencia y el Cotidiano" y "El Universo del Trabajo y de la Escuela y el Espacio de Transición entre el Ser Niño y el Ser Adulto". El primero se desdobló en dos clases: "Sobre Amigos y Colegas: formas y expresiones de las relaciones interpersonales y afectivas en la adolescencia" y "El Cotidiano del Adolescente". El segundo en cuatro: "El Universo de la Escuela y sus Interrelaciones", "Hablando de Futuro: los adolescentes entre planes y sueños", "La Familia y su Proyección de Futuro" y "El Mundo del Trabajo". Se observó una contradicción entre la representación del trabajo como valor moral y positivo para el desarrollo psicosocial y para constitución de la identidad de los jóvenes y los problemas de enseñanza-aprendizaje que advienen de las dificultades de la estructuración de la enseñanza pública y también la sobrecarga física y psicológica impuesta al adolescente trabajador en las dos capitales analizadas.

Palabras Clave: Trabajo precoz. Adolescencia. Representaciones sociales. Alceste.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Segurança e saúde no Trabalho. **Investigação dos comprometimentos do trabalho precoce na saúde de crianças e adolescentes**: um estudo de caso em 3 estados do nordeste brasileiro. Rio Grande do Norte, 1999. Relatório.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei nº. 8069 de 13/7/90**. Rio de Janeiro: FIA, 2002.
- CARVALHO, C. P. **A ilusão da escola e a realidade do trabalho**: o ensino noturno de primeiro grau de uma unidade escolar em Ribeirão Preto. 1981. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1981.
- FISCHER, F. M.; MARTINS, I. S.; OLIVEIRA, D. C.; TEIXEIRA, L. R.; LATORRE, M. R.; COOPER, S. P. Occupational accidents among middle and high school students of the state of São Paulo, Brazil. **Rev. Saude Publica**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 351-356, jun. 2003a.
- FISCHER, F. M.; OLIVEIRA, D. C.; TEIXEIRA, L. R.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; AMARAL, M. A. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. **Cienc. Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 973-984, 2003b.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. cap. 1, p. 18-44.
- MINAYO-GOMEZ, C. M.; MEIRELLES, Z. V. Crianças e Adolescentes trabalhadores: Um compromisso para a saúde coletiva. **Cad. Saude Publica**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 135-140, abr./jun. 1997. Suplemento 2.
- MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.
- OLIVEIRA, D. C. O trabalho infantil e o trabalhador infantil: duas dinâmicas representacionais legitimadoras do trabalho de crianças e de adolescentes. In: CONGRESSO PAULISTA DE SAÚDE PÚBLICA, 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2000. p. 54-62.
- OLIVEIRA, D. C.; SÁ, C. P.; FISCHER, F. M.; MARTINS, I. S.; TEIXEIRA, L. R. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 6, n. 2, p. 245-258, jul./dez. 2001.
- OLIVEIRA, D. C.; FISCHER, F. M.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; AMARAL, M. A. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-39, jun. 2003a.
- OLIVEIRA, D. C.; MARTINS, I. S.; FISCHER, F. M.; SÁ, C. P. Representações sociais e fatores de risco para o trabalho infantil e do adolescente: uma aproximação possível. **Cad. Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 177-194, ago. 2003b.
- OLIVEIRA, N. S.; MEDEIROS, M.; MUNARI, D. B. Aspectos da auto-estima de crianças e adolescentes em situação de rua: reflexões para o cuidado em enfermagem. **Cienc. Cuid. Saude**, Maringá, v. 3, n. 3, p. 233-242, set./dez. 2004.
- PINHEIRO, A. B. **O trabalho precoce em adolescentes matriculados em escolas municipais da Zona Sul do Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Saúde Pública)-Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.
- REINERT, M. A. Une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G de Nerval. **Bull. Methodol. Sociol.**, Paris, v. 28, p. 24-54, jan. 1990.
- SANTROCK, J. **Adolescência**. Rio de Janeiro: ABPDEA, 2003.
- SHANAHAM, M. J.; ELDER JR., G. H.; BURCHINAL, M.; CONGER, R. D. Adolescent paid labor and relationships with parents: early work-family linkages. **Child Dev.**, Lafayette, n°. 67, p. 2183-2200, Oct. 1996.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Endereço para correspondência: Denize Cristina de Oliveira. Rua Gal. Ribeiro da Costa, 178-apto.1201. CEP: 22.010-050. Rio de Janeiro – RJ. E-mail: dcouerj@gmail.com

Recebido em: 14/03/2006

Aprovado em: 07/08/2006